



## **PODER, SIMBOLISMO E GÊNERO EM NORBERT ELIAS E PIERRE BOURDIEU<sup>1</sup>**

ANDRADE, Elisiane Sousa de <sup>2</sup>  
TORRES, Iraildes Caldas<sup>3</sup>

### **RESUMO**

O presente artigo traz no seu bojo o objetivo propor uma breve reflexão, traçar links entre as teorias, sobre o tema do poder e gênero nas obras de Norbert Elias e Pierre Bourdieu, dois dos principais nomes da sociologia do século 20. Por fim, incluiremos alguns exemplos de como se pode, à luz das teorias e conceitos desenvolvidos pelos autores, problematizar as relações de trabalhos e gênero em um cenário de trabalho precarizado. Os autores foram aqui escolhidos por terem elaborado amplas discussões acerca do poder e simbolismo, e mesmo que subentendido no caso de Elias, apesar de que em suas teorias ora apresentem semelhanças, ora apresentem diferenças.

Para Norbert Elias a questão do poder aparece como algo eminentemente diverso. Juntamente como a sociedade, a noção de poder não é exterior aos indivíduos, pois, para existir, precisa de variados contextos para que possa ser colocado em movimento e funcionar. Pierre Bourdieu, entretanto, se preocupa de maneira mais específica com as relações de poder existentes na sociedade. As duas teorias são cabíveis para um debate e tem importância singular nas ciências sociais.

### **PALAVRAS-CHAVE**

Norbert Elias; Pierre Bourdieu; Poder; Dominação e Gênero.

### **INTRODUÇÃO**

A teoria sociológica contemporânea, que pese seus incontestes avanços em múltiplos recortes, ainda vive a relação entre indivíduo e sociedade e, ao mesmo tempo, se depara com a noção de poder e suas relações. Norbert Elias e Pierre Bourdieu são cientistas sociais que trabalharam essas questões a partir de suas pesquisas e formulações teóricas.

---

<sup>1</sup> - Trabalho apresentado no GT IX- PROCESSOS CIVILIZADORES NA PAN-AMAZÔNIA do III Siscultura.

<sup>2</sup> - Mestranda em Sociedade e Cultura na Amazônia- Na Universidade Federal do Amazonas/UFAM. [elisianedeandrade76@hotmail.com](mailto:elisianedeandrade76@hotmail.com).

<sup>3</sup> - Doutora em Antropologia Social pela Pontifícia Universidade de São Paulo, professora da Universidade Federal do Amazonas, do Programa Sociedade e Cultura na Amazônia. [iraildes.caldas@gmail.com](mailto:iraildes.caldas@gmail.com).



III Seminário Internacional em  
Sociedade e Cultura na Pan-Amazônia  
Universidade Federal do Amazonas - UFAM  
Manaus (AM), de 21 a 23 de novembro de 2018



Tomando conhecimento da formação e da trajetória desses autores e também partir de leituras sugeridas observamos que tanto Elias quanto Bourdieu são filósofos por formação que em seguida migraram para a sociologia. Os dois atribuíram suas mudanças em circunstâncias de caráter pessoal, a exemplo do horror da guerra e o descontentamento pela maneira como a filosofia era exercida, longe das realidades sociais. Elias, de família judia abastada, serviu a Alemanha na Primeira Guerra. Sua mãe morreu em Auschwitz. Bourdieu, de família mais humilde, notório esportista, se valeu desta habilidade para ganhar destaque na escola. Serviu a França na Guerra da Argélia.

Por caminhos diferentes, com conceitos similares, esses dois autores se destacaram como importantes pensadores do século XX. Pensamos ser possível relacionar a obra destes dois pensadores articulando seus conceitos, como o de habitus, figuração de Elias e campo de Bourdieu, tendo como objetivo romper com uma perspectiva dialética, capaz de separar indivíduo e sociedade.

A noção de poder parece ser bastante importante na obra de ambos. Se levarmos em conta, por exemplo, as análises de Elias sobre a sociedade de corte, ou se tentarmos compreender o livro de Bourdieu sobre o poder simbólico, perceberemos que o poder é algo de comum nos estudos dos dois autores.

Começaremos expondo Norbert Elias e o seu pensamento a respeito desta noção. Depois virá Bourdieu e o seu entendimento sobre o poder simbólico. E por fim, um pequeno debate sobre o relações de poder e gênero.

### **ELIAS, A SOCIOLOGIA, O PODER E O SIMBÓLICO**

A relação entre indivíduo e sociedade, seus processos, suas formações, é algo que existe na obra e no pensamento de Norbert Elias. O tema da relação entre a sociedade e o indivíduo perpassou a obra de Elias até estender em uma série de questões que arranjarão um intrincado; uma “rede”, que segundo seus comentadores norteariam todos os seus estudos sociológicos. A noção de poder em Elias é algo eminente diverso. Podemos, segundo o autor, analisar o poder de duas maneiras: primeiramente como mudança do padrão de comportamento.



III Seminário Internacional em  
Sociedade e Cultura na Pan-Amazônia  
Universidade Federal do Amazonas - UFAM  
Manaus (AM), de 21 a 23 de novembro de 2018



No livro “Estabelecidos e Outsiders”, percebemos que Elias se refere aos estudos das relações de poder. Nesse estudo de campo percebemos que a questão do poder aparece como relação e não apenas como “coisa” ou “algo”, é importante para tentar compreender a noção de poder. Pois, se não é algo fixo, ele não existe por si só. Juntamente como a sociedade, a noção de poder não é exterior aos indivíduos, uma vez que, para existir, precisa de variados contextos para que possa ser colocado em movimento e funcionar. O poder, em Elias, é relacional.

Para haver essa relação é preciso existir um referencial da qual ela parta, e ao mesmo tempo seja exercida. Uma centralidade, no sentido de importância, é essencial para esse funcionamento. A corte nas sociedades de corte, o Estado nas sociedades modernas, são um dos mecanismos de equilíbrio de tensões. O poder pode não aparecer como um simples “objeto”, mas se faz sentir em diversos lugares conforme aponta o autor (2005, p.81): Nas relações entre pais e filhos e entre senhor e escravo, as oportunidades de poder são distribuídas muito desigualmente.

Porém sejam grandes ou pequenas as diferenças de poder, o equilíbrio de poder está sempre presente onde quer que haja uma interdependência funcional entre pessoas. Sob esse ponto de vista, a utilização simples do termo “poder” pode induzir em erro. Dizemos que uma pessoa detém grande poder, como se o poder fosse uma coisa que se metesse no bolso ou na carteira. Segundo Elias, esta utilização da palavra é uma relíquia de ideias mágico-míticas.

O poder não é um amuleto que um indivíduo possua e outro não; é uma característica estrutural das relações humanas — de todas as relações. Notamos assim que o sociólogo demonstra vários exemplos de relações de poder, a citar, notavelmente, a etiqueta e o cerimonial em uma pequena escala, como na corte de Luís XIV, essas são formas de se exercer o poder, pois esses são os instrumentos que permitem a diferenciação entre os indivíduos, pela proximidade e/ou distanciamento da figura fundamental, o rei.

Esse personagem principal da realeza, para ser o que é, necessita do reconhecimento de seu prestígio através da aprovação dos outros. Esse contexto se forma a partir da imagem que o grupo estabelecido tem de si, que por inúmeras razões se contempla como superior aos demais. A posição que os indivíduos ocupam na estrutura



III Seminário Internacional em  
Sociedade e Cultura na Pan-Amazônia  
Universidade Federal do Amazonas - UFAM  
Manaus (AM), de 21 a 23 de novembro de 2018



social e a função que eles desempenham, para serem respeitados e valorizados, dependem da relação que eles estabelecem com a rede que os envolve.

A maneira como o poder vai ocorrer depende, assim, das lutas e das tensões estabelecidas nessa rede de interdependências. Conforme Elias (2005) as relações de poder modificam de acordo com as transformações no meio social. Nada ocorre sem a participação, direta ou indireta dos indivíduos nessas redes de interdependências. Não há como pensar em um fator isolado. Sendo assim, podemos perceber ligações entre as mudanças na estrutura social e as mudanças nas estruturas, dos comportamentos e da psique dos indivíduos, o que implica em uma nova forma de se exercer o poder. São transformações, variadas ou não, que ditam o ritmo das relações de poder.

Seguindo esse fio condutor, Elias (1994) cita que ao se formarem Estados centralizados sob a égide de um senhor, uma nova forma de comportamento é demandada devido à maior interdependência dos indivíduos. Os grupos estabelecidos permanecem assim, para poder usufruir de sua posição. As redes de poder se tornam complexas na medida em que essas figurações vão se estabelecendo e os meios de se exercer tal poder fica mais estratégico.

Essas configurações aparecem pela maneira em que as pessoas regulam e controlam suas condutas e emoções. Então, o controle dos impulsos, a previsão de ações diversas, o sentimento de que algo pode estar errado em relação a si próprio, acaba por levar a um maior distanciamento dos indivíduos. É nesse distanciamento, e ao mesmo tempo na rede de dependências, que os comportamentos e as emoções atuam para o equilíbrio das tensões nas relações de poder.

Essa é uma das principais ideias do processo civilizador, pois para Elias o poder sempre acontece na relação. Acontece no cotidiano, através das etiquetas, das formas de se comportar e principalmente no uso diário dos corpos, uma forma de economia do corpo. De forma bem sucinta, como nos demonstra Elias (1994, p, 73): A “civilização” que estamos acostumados a considerar como uma posse que aparentemente nos chega pronta e acabada, sem que perguntemos como viemos a possuí-la, é um processo ou parte de um processo em que nós mesmos estamos envolvidos.



III Seminário Internacional em  
Sociedade e Cultura na Pan-Amazônia  
Universidade Federal do Amazonas - UFAM  
Manaus (AM), de 21 a 23 de novembro de 2018



Todas as características distintivas que lhe atribuímos - a existência de maquinaria, descobertas científicas, formas de Estado, ou o que quer que seja - atestam a existência de uma estrutura particular de relações humanas, de uma estrutura social peculiar, e de correspondentes formas de comportamento.

No livro *A Sociedade de Corte* Elias traz, como seu problema de estudo e com conceitos importantes à suas pesquisas, a sociedade cortesã. Discorre sobre costumes individuais e coletivos que, de acordo com sua tese, fazem parte do mesmo processo no quais gestos e comportamentos individuais não se desvinculam de uma mentalidade grupal. Para ele (2001, p.26): Um problema fundamental com que se depara a investigação sociológica da sociedade de corte é a questão de como se constituiu a figuração de homens interdependentes que tornava não só possível, mas também aparentemente necessário, que milhares de pessoas se deixassem governar durante séculos ou milênios, repetidamente e sem nenhuma possibilidade de controle da situação, por uma única família ou por seus representantes de receber em seu meio os artistas, tais como escritores e músicos.

De Maneira prática podemos dizer que a corte francesa era como uma figuração clivada de indivíduos interdependentes, lutando e afrontando para manter seu prestígio nas relações de poder. Ainda pensando nas relações de poder, o livro *Os estabelecidos e os outsiders*, publicado primeiramente em 1959, surge como um dos mais importantes trabalhos de Elias. Nessa obra o autor debate as relações de dominação simbólica, distantes do tipo clássico de dominação conhecido apenas na relação entre capital/trabalho.

Uma variação de fatores, não necessariamente econômicos, contribui para a dominação de determinado grupo sobre outro. O status, entendido como um capital simbólico constrói-se como peça fundamental no entendimento da relação de dominação. A pesquisa acontece na pequena cidade de nome fictício “Winston Parva”. O estigma que os estabelecidos reproduziam dos outsiders transformava, em um movimento duplo, a imagem que outsiders tinham de si em geral.

Segundo Elias (2000), a polaridade em que supostamente consiste a relação entre indivíduo e sociedade é definitivamente falsa, muito provavelmente elaborada por uma



teoria distante do campo de pesquisa. Trata-se, então, de entender a dinâmica própria das configurações que se constituem no social. Os indivíduos existem nas figurações, ou seja, em determinados contextos específicos. Da mesma maneira, os indivíduos criam esta figuração, mudando-a a partir do habitual. O poder, ou as relações de poder, para Elias passam pela mesma lógica.

### **Bourdieu e o Poder Simbólico e a Dominação Masculina**

Para Pierre Bourdieu, o trabalho do sociólogo é constituído fundamentalmente na desnaturalização do mitológico, demonstrando isso nos exemplos de práticas comuns na sociedade. Dessa maneira as relações de poder que se ocultam passam a ser evidenciadas, o que era “velado” se torna latente. A sociologia vai se tornando, deste modo, uma forma de máquina de “combate”. Como algo capaz de aplicação e mudança social. O enfoque sociológico proposto por Bourdieu desempenharia um papel de suma importância na organização do social.

Em sua busca por especificar as relações de poder inscritas na realidade social, ou em um campo, Bourdieu em seu livro *O poder simbólico* (2001) leva em conta o compromisso de revelar as formas implícitas ou escondidas de dominação de classes nas sociedades capitalistas, defendendo a tese de que a classe dominante não domina por completo e não força os outros a se condescenderem com a dominação.

Portanto, a noção de poder toma aqui outra forma. Bourdieu demonstra a existência do poder simbólico, poder esse em que as classes dominantes são favorecidas por um capital simbólico, disseminado e reproduzido por meio de instituições, e práticas sociais, que lhe possibilitam exercer o poder. Segundo o autor, esses símbolos são instrumentos da integração social e fazem ser possível obter o consenso acerca do sentido do mundo social o qual contribui necessariamente para a reprodução da ordem social. O poder é invisível, e só é exercido quando os seus sujeitos não querem ou não sabem disso.

O poder simbólico, para Bourdieu, é bem característico. Conforme o autor diz é preciso notar que as produções simbólicas funcionam como instrumentos de dominação e que, assim, contribuem para a integração das classes dominantes, diferenciando-as das



III Seminário Internacional em  
Sociedade e Cultura na Pan-Amazônia  
Universidade Federal do Amazonas - UFAM  
Manaus (AM), de 21 a 23 de novembro de 2018



outras classes; para a desmobilização das classes dominadas; para a legitimação da ordem através do estabelecimento de distinções, e aqui se torna nítida a verossimilhanças com a teoria desenvolvida por Elias. A cultura que une é também a que separa, estabelece diferenciações. A partir da dominação dos meios ideológicos, essa dissimulação parece funcionar muito bem.

Para que isso aconteça eficientemente Bourdieu (1999) nos diz ser indispensável uma estruturação das mentalidades e seu processo de constituição. As diversas classes estão envolvidas, aparentemente, em numa luta simbólica para estabelecerem o mundo em conformidade com seus interesses, formando um campo das posições sociais.

Segundo Bourdieu a noção de campo social é importante para compreender as relações de poder. Essa noção de campo significa, basicamente, um “lugar” de forças infligido aos agentes que nele se encontram e um campo de lutas, um tabuleiro no qual esses agentes lutam com meios e fins diferenciados conforme sua posição nesse campo. O campo é um espaço socialmente estruturado.

A ideia de campo, de acordo com Bourdieu, possui estrutura e lógica própria. Criam-se mecanismos de poder, incapazes de serem percebidos facilmente, que só se podem entender por meio da análise empírica. De forma clara, o objetivo do campo é compreender a constituição de um espaço que apresenta uma autonomia relativa do resto da sociedade, com uma lógica singular, mas que se relaciona de uma forma similar em relação aos outros campos.

Outra noção importante em Bourdieu, que aparece em sua obra *O poder simbólico*, é o conceito de habitus. O habitus é um conhecimento adquirido e também um capital, pelo qual se indica a disposição incorporada e postural de um agente, juntamente com os princípios que geram e organizam suas práticas. Trata-se, para Bourdieu (2001) de um saber prático das leis implícitas de funcionamento social adquirido pela socialização exercitada em um campo ou espaço específico.

É um arranjo de relações históricas colocadas nos corpos em uma forma de esquemas mentais e corporais de percepção, fazendo assim um campo de poder composto por um conjunto de relações históricas e relacionadas a variadas formas de poder. Nota-se que ao considerar as relações de poder mediante a perspectiva de Bourdieu, podemos



compreender, de maneira mais acentuada, as estruturas objetivas presentes nos campos sociais e as estruturas incorporadas, o habitus, dos sujeitos.

É importante levar em consideração que os habitus, representam capital cultural sob a forma incorporada e, assim sendo, recursos de poder, já que o capital cultural, bem como o econômico, é distribuído de forma desigual na sociedade. Os habitus compõem princípios de escolhas na cultura, são a prática, o saber prático, evoluindo de maneira peculiar entre a acumulação de capital cultural e a legitimação social. A incorporação do habitus pelo agente se dá a partir de sua inserção e participação num dado campo, formado por agências sociais específicas daquele campo.

A junção das noções, de campo e a de habitus, ajuda a compreender como Bourdieu enxergava as relações de poder. Para esse autor, que procurou analisar distinções de classe e desigualdades em um nível estrutural (não ideológico), os agentes sociais constroem o mundo social individual e coletivamente a partir de uma estrutura objetiva de distribuição de diferentes tipos de capital (formas de poder), sejam eles culturais, físicos ou simbólicos, cuja eficácia varia de diversas formas.

A participação dos atores sobre essas estruturas objetivas constitui o campo social, dentro do qual ocorrem as disputas entre os agentes que possuem meios e fins diferenciados e de um habitus adquirido por sua socialização precedente ou por aquela praticada no interior do próprio campo. Essas disputas irão contribuir para a conservação ou até a mesmo a mudança da estrutura do campo. Pensando nessas questões, é coerente que as noções de campo e habitus ajudem a pensar o poder em Bourdieu, até porque sua contribuição para a sociologia é de suma importância, colocando a nosso ver, como o “Clássico” contemporâneo das ciências sociais.

### **Pierre Bourdieu e a Dominação Masculina**

Entre os conceitos de grande importância para a sociologia e antropologia, cunhados e/ou trabalhados ao longo da obra do sociólogo, como violência simbólica e habitus são estendidos e servem de embasamento para uma análise da questão de gênero





III Seminário Internacional em  
Sociedade e Cultura na Pan-Amazônia  
Universidade Federal do Amazonas - UFAM  
Manaus (AM), de 21 a 23 de novembro de 2018



em um artigo, publicado originalmente em 1990, chamado A dominação masculina (1995), que pouco mais tarde se transforma num livro homônimo.

Bourdieu não trabalhou com um conceito de gênero propriamente dito. Não encontramos na sua referida obra, e em outras, o conceito de gênero como apresentado, digamos, grosso modo. Entretanto, o seu pensamento sobre o masculino e o feminino passa por um trajeto em alguma medida similar ao dos/a autores/a que discutem o tema, sendo válido chamá-lo para o debate.

Bourdieu trabalha a dominação masculina, estendendo ao campo do que chamamos de debate de gênero os conceitos desenvolvidos ao longo de sua obra. Bourdieu, condizente com sua teoria, trata a questão da “dominação masculina” principalmente a partir de uma perspectiva simbólica. Para ele, a dominação masculina seria uma forma particular de violência simbólica. Por esse conceito, Bourdieu compreende o poder que impõe significações, impondo-as como legítimas, de forma a dissimular as relações de força que sustentam a própria força.

Que pese o jargão difícil, típico dos seus escritos, Bourdieu quis dizer que é justamente a manutenção de um poder que se mascara nas relações, que se infiltra no nosso pensamento e na nossa concepção de mundo, levando a sim “naturalizar” certos comportamentos histórica e socialmente construídos.

A dominação masculina aparece assim definida por Bourdieu como uma violência simbólica, invisível a suas próprias vítimas e essencialmente exercida pelas vias simbólicas da comunicação e do conhecimento; sendo as principais instâncias de elaboração e imposição de seus princípios -exercidos inclusive no universo privado - a Escola e o Estado, o Trabalho, campos de ação que, para o autor, deveriam ser o foco principal das lutas feministas.

Para o debatedores (e militantes) da questão de gênero, essa visão é rica, afinal de contas, não se está discutindo ao nível das maneiras marcadas por relações de poder de conceber o masculino e o feminino. Tanto é verdade que Bourdieu denuncia um modo de pensar pautada pelas dicotomias e oposições, masculino/feminino, mas o mesmo se opera em alto/baixo, rico/pobre, claro/escuro etc.

Além disso, Bourdieu enfatiza que essas concepções “invisíveis” que chegam a nós nos levam à formação de esquemas de pensamentos impensados, ou seja, para além de nossas vontades explícitas, quando acreditamos ter a liberdade de pensar alguma coisa, sem levar em conta que esse “livre pensamento” está marcado por interesses, preconceitos e opiniões alheias. Não é à toa que o sociólogo afirma que uma relação desigual de poder comporta uma aceitação dos grupos dominados, não sendo necessariamente uma aceitação consciente e deliberada, mas principalmente de submissão.

Em decorrência disso, a própria socialização dos corpos estaria pintada por essas ideias. “O corpo biológico socialmente modelado é”, conclui Bourdieu (1995, p. 156), “um corpo politizado, ou se preferimos, uma política incorporada. Os princípios fundamentais da visão androcêntrica do mundo são naturalizados sob a forma de posições e disposições elementares do corpo que são percebidas como expressões naturais de tendências naturais.”

Para o autor, é comum aos dominantes a tendência a apresentar como universal sua maneira particular de ser; sendo uma evidência da força da dominação masculina o fato de que esta dispensa qualquer justificação. A ordem social ratifica essa dominação de maneira concreta - inclusive quanto à estruturação do espaço e do tempo - por meio da divisão social do trabalho, cujas características são bastante distintas para os dois sexos. Assim, “as disposições (habitus) são inseparáveis das estruturas (...) que as produzem e reproduzem, tanto nos homens como nas mulheres” e a “violência simbólica se institui por intermédio da adesão que o dominado não pode deixar de conceder ao dominante” (p.,27)

## **CONCLUSÃO**

### **Elias e Bourdieu, um debate possível.**

Há momentos em que as sociologias de Norbert Elias e Pierre Bourdieu confluem, talvez, ora por orientações teóricas e recortes epistemológicos comuns. Ora se afastam por perspectivas divergentes, ou pelos mesmos motivos que os aproximam, os afastam.



III Seminário Internacional em  
Sociedade e Cultura na Pan-Amazônia  
Universidade Federal do Amazonas - UFAM  
Manaus (AM), de 21 a 23 de novembro de 2018



A concepção que Bourdieu faz de campo, como um espaço em que forças realizam um jogo no qual se demarcam posições de autoridade e se dinamiza a noção de estrutura, é bastante similar ao conceito de figuração em Norbert Elias.

E é Bourdieu que reconhece essa similitude para explicar seu conceito de campo a partir da teoria da sociedade de corte em Elias. Essa teoria, segundo o autor, capta mecanismos ocultos, invisíveis, baseados na existência de relações objetivas entre os indivíduos ou as instituições. A corte, tal como Elias a descreve, é um bom exemplo do que se chama de um campo em que, como num campo gravitacional, os diferentes agentes são arrastados por forças insuperáveis, inevitáveis, num movimento contínuo, necessário para manter as hierarquias, as distâncias, os afastamentos.

O campo de Bourdieu é explicado como um conjunto de agentes disputando posições de poder, também uma espécie de rede de relações que se forma e se estrutura da mesma forma. Elias trabalhou pensando na civilização em boa parte de suas obras, entretanto mostrou em “Os Estabelecidos e os Outsiders” como sua teoria também pode servir para pensar nas diferenças de poder em pequenos grupos, como o caso da cidade operária que foi rebatizada com o nome fictício de Winston Parva.

Nessa obra autor chegou à conclusão de que o grupo dominante era o que morava há mais tempo na cidade, o que lhes permitira realizar uma rede de relações mais sólidas e lhes consentira excluir os habitantes mais recentes dos cargos de importância e dos lugares de notoriedade. Já Bourdieu, empenhou-se em temas com delimitações menos esparsas de tempo, mas conseguiu, com uma grande habilidade para elaborar teorias distintas, caracterizar o conceito de habitus como “capital cultural incorporado”. Este conceito, para o autor, é fundamental para a relação entre os agentes no campo e possibilita a realização de análises muito sutis para quem os utiliza em variados setores da sociedade.

É nesse espaço que podemos traçar um Link entre a teoria simbólica e do poder de Elias e a “Dominação masculina de Bourdieu. Como Elias não entra na questão de gênero de forma explícita, podemos tomar seus estudos não apenas como fio condutor, mas uma avenida a ser percorrida por essa temática. Se compreendermos historicamente o processo veremos que os homens dentro das relações de poder e principalmente no



III Seminário Internacional em  
Sociedade e Cultura na Pan-Amazônia  
Universidade Federal do Amazonas - UFAM  
Manaus (AM), de 21 a 23 de novembro de 2018



mundo do trabalho são os “incluídos”, chegaram primeiro, se estabeleceram, criaram suas estrutura simbólica e sua teia de poder.

Mais tarde com as transformações sociais dos novos tempos, a precarização do trabalho, por exemplo, levam as mulheres a se inserir nesse “ campo”, no entanto elas chegaram nesse cenário com suas estrutura já estabelecida. Podemos fazer uma comparação grosseira que elas seriam os “Outsiders”, os de fora, chegaram depois e tem de lutar no “ campo” para se estabelecerem, por isso, passando a Bourdieu mais diretamente, este remete que a luta feminista deve ser direcionada principalmente a esses espaços.

Um exemplo que podemos citar seria o processo de preconceitos e “humilhações” em que mulheres sofrem no “mundo do trabalho”, remunerações inferiores, desvantagens na disputas por posições. Outro exemplo, mais objetivo, que podemos citar, seria as relações de poder e simbolismo no mercado de trabalho terceirizado, onde estes trabalhadores se encontram em uma relação mais fragilizada ainda.

É claro que nesse cenário, tanto homens como mulheres se encontram em situação de fragilidade, no entanto, tomando como base a perspectiva desenvolvida nesse artigo, evidencia-se que as mulheres tornam-se elo mais frágil ainda, tornando-se vítimas mais “fáceis” de serem levadas pelo turbilhão das relações de trabalho precarizadas.



III Seminário Internacional em  
Sociedade e Cultura na Pan-Amazônia  
Universidade Federal do Amazonas - UFAM  
Manaus (AM), de 21 a 23 de novembro de 2018



## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Elias, Norbert. **O processo civilizador**. V 1. Rio de Janeiro. Jorge Zahar Ed. 1994.

\_\_\_\_\_. **A sociedade de corte**. Jorge Zahar Ed. 2001

\_\_\_\_\_. SCOTSON, Jhon. L. **Os Estabelecidos e os outsiders**: sociologia das relações de poder a partir de uma pequena comunidade. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed. 2000.

\_\_\_\_\_. **Introdução a sociologia**. Lisboa: Edições 70. 2008.

\_\_\_\_\_. **Teoria Simbólica**. Richard Kiwlmister, Og. Lisboa: Celta Ed. 1994.

Bourdieu. Pierre. **A dominação masculina**. 11ed – Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2012.

\_\_\_\_\_. **O Poder. Simbólico**. Trad. Fernando Tomaz. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2001, p.07-16.



III Seminário Internacional em  
Sociedade e Cultura na Pan-Amazônia  
Universidade Federal do Amazonas - UFAM  
Manaus (AM), de 21 a 23 de novembro de 2018

